
A quem interessa manter o padrão vigente: uma reflexão sobre paternidade negra e educação libertadora a partir de uma experiência em sala de aula¹

Rannyson da Silva MOURA²

Pablo Moreno FERNANDES³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Buscamos discutir quais afetações são trazidas à tona quando a figura do pai negro é discutido em sala de aula. Para isso, foram usados os pensamentos de pesquisadoras feministas, como bell hooks (2022) e María Lugones (2020), para fundamentar o debate, considerando que não é possível retratar o tema perdendo de vista o peso do colonialismo e as expectativas impostas de acordo com o gênero. Além disso, foram usados alguns trechos do conto “Seco”, de Stefano Volp (2022). A narrativa tem um pai negro como protagonista e debate questões sobre vulnerabilidade no contexto da interseccionalidade entre raça e gênero. O conto foi usado como um dispositivo comunicacional para integrar os estudantes, tendo como resultado da interação falas diversas sobre a complexidade do pai negro, mostrando perspectivas que vão além dos estereótipos de violência e internalização de sentimentos.

PALAVRAS-CHAVE: interseccionalidade; negritude; paternidade negra; educação antirracista; afetos.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido a partir de uma experiência em sala de aula na pós-graduação, na qual foi solicitado aos alunos que desenvolvessem um trabalho expositivo que articulasse as ideias dos afetos e afetações pessoais com a bibliografia disponibilizada. Dessa forma, as vivências de cada estudante poderiam ser imbricadas às teorias, visando contribuir com a aproximação dos indivíduos com o fazer científico. Como defendido por Grada Kilomba (2019), a impessoalidade nem sempre é o melhor caminho para uma pesquisa, propondo uma reformulação no método considerado universal de hierarquização entre o pesquisador, no topo, como detentor do conhecimento, e o objeto analisado, na base, visto como o outro. Como contraproposta,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestrando em Comunicação Social pela UFMG, email: rannyson.m@gmail.com.

³ Orientador. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMG, docente do Departamento de Comunicação Social na mesma instituição. E-mail: pablomoreno@gmail.com.

haveria uma horizontalização em que o pesquisador e os sujeitos com os quais ele interage estão no mesmo alinhamento, em uma troca contínua de saberes.

No campo da Comunicação, tal perspectiva vem sendo trabalhada por pesquisadores como Laura Corrêa (2022), mulher negra que defende a visão de minorias sociais como uma parte essencial para pensar não apenas as estruturas às quais estamos submetidos, mas também a mídia e a sociedade como um todo. Para ela, “é necessário observar e considerar as percepções, interpretações e teorias que vêm de grupos não hegemônicos – não apenas dentro do campo acadêmico, mas também em espaços periféricos e adjacentes onde o conhecimento é construído” (p. 127).

Nesse mesmo sentido, ela retoma a contribuição de feministas negras e não-brancas para pensar a interseccionalidade, corrente científica que busca observar o mundo a partir da relação entre as opressões sociais. A partir da interseccionalidade, raça, gênero e classe, por exemplo, não podem ser analisados separadamente, pois afetam os indivíduos de forma complementar. O conceito ajuda a trazer mais profundidade para as discussões, pois complexifica os indivíduos ao trazer à tona as suas diferentes facetas.

A partir disso, o trabalho proposto em sala de aula foi aplicado com o objetivo de tratar a interseccionalidade entre gênero e raça, tendo como embasamento teórico e os resquícios da colonialidade, buscando focar especificamente na construção do homem negro enquanto pai. Para tanto, foram retomadas as contribuições de pensadoras feministas, como María Lugones (2020) e bell hooks (2022), tendo em vista que é impossível pensar as masculinidades sem considerar as afetações sentidas pelas mulheres, especialmente as mulheres negras, cujas opressões sociais a colocam na base da pirâmide social, vistas como o outro do outro (KILOMBA, 2019; VIANA, 2020).

A seguir, na seção de fundamentação teórica, serão aprofundados alguns conceitos norteadores usados em sala de aula, tendo como base a discussão sobre a formação dos homens negros, assim como a manutenção das expectativas que giram em torno dele, especificamente quando o debate é protagonizado pelo pai negro. Nela, ainda, será apresentada a dinâmica proposta para o momento da aula como uma forma de incluir os estudantes na discussão, visando uma maior horizontalização do compartilhamento de saberes. Esta etapa teve como base o conto “Seco”, presente no livro Homens Pretos (Não) Choram, de Stefano Volp (2022), um livro composto por dez

histórias paralelas e que versam sobre as masculinidades negras a partir de diferentes perspectivas. Em “Seco”, a narrativa é centrada em um pai negro e aborda seus embates emocionais com a ideia da morte, questões familiares e o peso de não lembrar a última vez que chorou. A partir de tais complexidades retratadas na história, o texto de Volp foi usado como forma de gerar uma integração com os estudantes, tendo em vista que retrata aspectos importantes trazidos anteriormente pelas autoras já citadas.

Ainda em relação à seção de resultados encontrados, é válido mencionar que todos os nomes dos alunos foram ocultados, assim como maiores informações sobre a instituição de ensino na qual a prática foi realizada. O procedimento foi adotado ao considerar os requisitos éticos da pesquisa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em sala de aula, considerando questões didáticas, foi proposto iniciar a apresentação com uma discussão a respeito da binaridade de gênero, conforme trabalhado por Lugones (2020). A autora traz a perspectiva de que a instituição do gênero pode ser vista como uma estratégia colonial responsável por separar e caracterizar homens e mulheres. Através de uma retomada geográfica e histórica, é possível perceber que a prática foi implantada com base na opressão e apagamento de diversas realidades que eram vigentes em outros arranjos sociais, especialmente entre os povos originários e as nações africanas. O modo com que eles pensavam o gênero, muitas vezes nem tendo uma preocupação direta com o termo e tais separações, passou a ser infectado pelo colonialismo a partir da imposição de um viés avançado, cientificamente - liderado pela Europa - enquanto todo o resto do mundo era considerado primitivo, ainda anterior ao suposto nível de evolução alcançado pelos europeus.

É válido reforçar que o impacto de tal reformulação, mesmo que gradual, é grande. Como dito por Lugones (2020), ao retomar os pensamentos de Quijano, o sexo é visto como um dos quatro âmbitos básicos da vida humana, junto ao trabalho, à autoridade coletiva e à subjetividade/intersubjetividade, seus recursos e seus produtos. Desta forma, a imposição da binaridade de gênero a nível mundial, assim como suas respectivas atribuições, implica em atribuições diversas que acompanham a vida de cada

em diferentes âmbitos, mesmo algumas que, a princípios, pareçam estar dissociadas da questão de gênero. Para este trabalho, nos esforçamos em analisar a figura paterna — e, em recorte, o pai negro.

Para tal, trazemos à tona também o pensamento de bell hooks (2022) no livro *A Gente é da Hora*, no qual a autora debate diferentes aspectos a respeito da masculinidade negra, incluindo a questão da paternidade. De forma didática, a autora desenvolve a construção da masculinidade negra como um processo que começa desde a infância, quando a criança é forçada a seguir um padrão comportamental ríspido, másculo e com a privação de sentimentos, abrindo uma ferida, até a vida adulta, quando o homem torna-se pai e continua reforçando o ciclo prejudicial, podendo afetar a vida dos filhos tanto pela presença física quanto pela ausência. bell hooks usa a sua própria experiência para refletir sobre o tema, contando como a relação entre ela e o seu pai se desenvolveu ao longo do tempo, assim como os diferentes impactos sentidos também por seus irmãos. Para a autora, inclusive, o gênero dos filhos pode influenciar diretamente nos relacionamentos desenvolvidos com o pai negro. Como ela descreve, ao observar de perto o seu único irmão homem, as expectativas que o seu pai tinha em relação a ele eram mais altas e rígidas do que ela percebia em relação a si mesma e às irmãs, reproduzindo a ferida que tinha sido aberta nele durante a própria infância.

Tais discussões podem ser integradas diretamente à história de “Seco”, conto escrito por Stefano Volp (2022). Nele, o autor mostra um homem negro como protagonista, pai e com um passado militar que está sentindo a morte à espreita. A partir disso, um questionamento o persegue: quando foi a última vez que ele havia chorado? O tormento que o atinge o leva a repensar diversos momentos de sua vida, incluindo a relação com seus filhos - que, a partir do que se entende, são adultos e não moram mais na mesma casa que ele. Em um momento de vulnerabilidade, o pai, que também é avô, entra em contato com os filhos e tenta lembrar a última vez em que foi visto chorando. Dessa forma, o conto levanta um debate sobre a vulnerabilidade dos homens negros a partir da representação de um pai, assim como a abertura ao choro, tema refletido também no próprio título da obra. Vale mencionar que o autor já falou abertamente sobre como cresceu em um lar violento devido ao seu pai (FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA RIBEIRÃO PRETO, 2022), tornando a narrativa de “Seco” ainda mais pessoal.

Articulando as referências citadas e visando integrar os discentes à temática desenvolvida, foram distribuídos alguns trechos do conto de Volp para a turma e solicitado para que os participantes, caso se sentissem confortáveis, falassem sobre a relação entre ficção, teoria e afetações pessoais, vividas ou percebidas, em torno do tema da paternidade negra, descentralizando a hierarquia entre quem fala e quem ouve, buscando criar um ambiente de mútua afetação.

Dessa forma, considerando a perspectiva de que a comunicação se faz a partir da interação (SIMÕES, 2010) e por meio do compartilhamento de um mundo comum, a proposta de gerar um diálogo direto com os alunos faz com que o livro de Stefano Volp seja uma forma de acionar processos comunicacionais em sala de aula. Estes, por sua vez, não são limitados apenas à fala, mas incluem também “os sujeitos, os significados e os contextos que as constituem” (SOUZA, 2021), articulando, dessa forma, vivências e afetos ao campo da Comunicação.

NUNCA VI MEU PAI CHORAR: relatos de uma dinâmica em sala de aula

bell hooks (2022), ao falar sobre as expectativas que giram em torno dos homens desde a infância, faz uma análise interessante ao frisar que elas existem tanto para brancos quanto para negros. A repressão de sentimentos, assim como a busca incessável por ser “durão”, é uma herança que chega a todos, mas leva a caminhos diferentes a depender da raça. Para ela, uma consequência esperada de tal endurecimento sentimental é a explosão, uma hora ou hora, à base da raiva. Em momentos como esse, homens brancos costumam ser facilmente perdoados, recorrendo, muitas vezes, a questões psicológicas, enquanto homens negros são rapidamente acusados e postos dentro do estereótipo de violência que demarca tais corpos.

Dessa forma, assim como não dá para falar sobre paternidade negra sem recorrer aos estudos que falem sobre o feminismo negro, também é válido trazer a perspectiva da raça entre os próprios homens para aprofundar a discussão e entender como a situação os afeta. No entanto, neste cenário, ainda existem muitas lacunas, como é questionado por Ribeiro e Faustino (2017, p. 2):

Existiria uma resposta única e fixa a todos os homens negros? Se o gênero os afirma mas a raça os nega, esses homens têm ou não poder? E se tiverem algum poder assujeitado, seriam vítimas ou algozes? Estaríamos falando de um privilégio subordinado e precário, de um poder sem poder?

Tais reflexões são importantes ao considerar a diversidade da sala de aula. O pai negro, em termos de gênero e raça, poderia ser uma figura que fizesse parte, direta ou indiretamente, da vida dos estudantes presentes. No entanto, mesmo sua ausência, como em lares de famílias brancas ou famílias compostas apenas pela figura materna, ainda gera afetações possíveis e debates profundos que ajudam a entender a sua posição no mundo a partir dos relatos coletados por pessoas que foram afetadas ao longo da vida.

Trauma geracional: de um homem negro para outro

Um dos relatos feitos foi liderado por uma mulher negra. Ao ler o seu trecho do conto “Seco”, ela estabeleceu uma relação direta entre o seu pai, um homem negro, e seu irmão, também um homem negro. Para ela, o assunto retratado por Stefano Volp evocava memórias sobre o abandono parental que seu irmão presenciou enquanto ambos estavam crescendo. Ela destacou que o distanciamento emocional por parte de seu pai também a afetou, definitivamente, mas o impacto sofrido por seu irmão parecia ter sido diferente. Em seu relato, a aluna mencionou que ele se apega muito ao passado e parece ter dificuldade em superar o que aconteceu, adiando o momento do perdão ou simplesmente o esquecimento, como muitos podem esperar.

bell hooks, ao falar sobre sua própria experiência ao crescer com um pai negro, retrata esse comparativo. Como já dito anteriormente, ela só possuía um irmão homem e acreditava que ele havia sido ainda mais afetado pela figura paterna, pois existia uma cobrança maior sobre ele para agir conforme as normas sociais. Em seu relato, ela conta: “Sempre que nosso irmão não se adequava às expectativas patriarcais, era submetido à vergonha do abuso verbal ou a espancamentos pelo nosso pai patriarcal” (HOOKS, 2022, p. 166). Dessa forma, é possível perceber as expectativas que são demarcadas e permitidas de acordo com o gênero, considerando que o filho homem,

para o pai, é o seu descendente direto e deve cumprir o que ele mesmo — por meio da pressão social — espera.

É válido mencionar também, tendo como base o relato feito em sala de aula, que muitas vezes nem mesmo o filho envolvido na relação abusiva entende o que está acontecendo. A afetação é evidente, assim como a dificuldade em superar, perdoar e seguir em frente, mas existe uma naturalização do sofrimento com base no sistema patriarcal que afirma ser comum tal tipo de comportamento, sendo necessário para que os meninos cresçam fortes e independentes. De acordo com a visão de bell hooks, este seria o momento em que a ferida seria aberta nos jovens meninos, algo pelo qual o pai negro, quando mais novo, também havia passado.

No conto “Seco”, essa relação é apontada rapidamente, já que Heleno, o pai, tem um filho para quem liga quando sente a morte se aproximar. Durante a narrativa não é mencionado diretamente se este filho em questão também é uma pessoa negra, assim como o seu pai, mas o relacionamento entre os dois aponta para um distanciamento emocional e um trecho específico, também levado para sala de aula, demonstra isso:

— O senhor não é de chorar, mas a gente também não conviveu tão perto. Eu não lembro.

— Mas e naquelas férias de Arraial quando você se perdeu da gente? Lembra? A gente achou que ia perder você, o único filho macho.

Do outro lado da linha, André sorriu meio constrangido.

— Pai, naquele dia, quem chorou fui eu, de tanto que o senhor me bateu (VOLP, 2022, p. 32)

O diálogo reforça um suposto laço especial, quando o pai menciona o medo de “perder o único filho macho”, mas entra em contradição ao mostrar uma lembrança que foi deturpada pela própria mente do homem que buscava um momento de vulnerabilidade em sua trajetória, mas que, na verdade, foi baseado em uma explosão de raiva e punição por seu filho ter se perdido durante as férias.

Em paralelo, trazendo mais uma vez a articulação entre as afetações pessoais de bell hooks e Stefano Volp sobre paternidade negra, é importante observar a consciência de si e do ambiente como um caminho possível para quebrar padrões. O trauma geracional é uma herança colonial, passado de pais para filhos, que ensina os homens negros a se comportarem com base em um modelo universal repleto de problemas. No entanto, isso pode ser contornado. Não é uma tarefa simples, considerando a situação de

vulnerabilidade na qual tais homens nascem e são criados, mas é um caminho a ser trilhado. A exemplo disso, em “Seco”, André, o filho de Heleno, poderia continuar sendo uma pessoa com dificuldade para chorar, assim como o seu pai, mas ele segue por uma direção contrária ao falar sobre o seu próprio relacionamento com o filho:

— E... você? — a pergunta escapou pelos lábios de Heleno. — Você se lembra da última vez que chorou? [...]
— Sim. É um pouco idiota. Foi vendo o Luquinhas chorar vendo *Frozen*. Ele já tá entendendo as coisas, mas ainda é tão bebê.
Silêncio outra vez. Um bolo se avolumando na garganta do pai. (VOLP, 2022, p. 33)

O exemplo trazido à sala de aula aponta para um momento específico da relação entre pai e filho: o reconhecimento de uma dor que nunca foi curada — até então. A representação de figuras paternas positivas, como o próprio caso do conto “Seco”, pode servir como uma forma de inspiração para que os filhos encontrem forças para mudar a rota prevista a partir do momento em que se tornam pais.

Gênero e raça, (futuros) pais e mães

Outro ponto levantado durante a dinâmica, novamente por uma mulher, foi sobre o sentimento de pensar nos futuros filhos enquanto parte de um casal afrocentrado, composto por duas pessoas negras. A estudante, após ler o seu trecho do conto, conversou sobre a paternidade a partir da perspectiva de gênero, destacando como diferentes questionamentos podem ser levantados a partir disso.

Em um primeiro momento, ao falar a respeito da sua própria trajetória, a aluna mencionou a figura paterna negra presente em sua vida e os conflitos que percebeu enquanto crescia. O abandono parental e a negligência familiar como um todo a fizeram temer o futuro. Como o pai dos seus filhos, caso ela chegasse a ser mãe um dia, se comportaria? Será que ele seria um espelho do seu próprio pai ou quebraria o trauma geracional já discutido neste trabalho?

Nesse sentido, ela contou para a turma que o assunto é recorrente com o seu namorado, um homem negro e marcado por experiências militares no decorrer de sua vida. Mesmo com um passado diferente, eles compartilham as dúvidas sobre o futuro

quanto ao medo de acabar reproduzindo as diferentes formas de abuso que se fizeram presentes em suas respectivas vidas.

No entanto, através do diálogo constante, eles começaram a perceber que é possível mudar o curso da história e pensar em uma família negra feliz. O reconhecimento do trauma e a procura por caminhos de cura são passos importantes para alcançar a paternidade positiva.

Além disso, é válido trazer à tona também a perspectiva de que a paternidade, apesar de ter alguns aspectos próprios, como já discutido anteriormente, também precisa ser analisada em conjunto com a maternidade quando falamos sobre uma família composta pelo pai e a mãe. Afinal, as expectativas depositadas sobre cada um dos membros se relacionam diretamente: espera-se que o pai, quando presente, assuma o papel de principal provedor, já que a mãe vai ser responsável por cuidar da casa; o pai é o responsável por disciplinar duramente, sem fragilidade, enquanto a mãe é o pilar emocional. As figuras de pai e mãe são construídas em uma conexão direta com as de homem e mulher, estabelecendo uma situação de binarismo que se manifesta em diferentes âmbitos, portanto, é importante analisá-las em conjunto para entender também as implicações que elas têm entre si. Quando acionamos também o fator da negritude, que não pode ser separado do gênero, a discussão ganha uma nova camada quanto às expectativas, já que, historicamente, pessoas negras são taxadas com estereótipos que buscam limitar as suas possibilidades.

Dessa forma, o diálogo promovido em sala de aula reforça ainda mais a importância de propor uma discussão que considere perspectivas diversas. Vivemos em sociedade e somos atravessados pelos comportamentos uns dos outros. Mesmo que, a princípio, pareça não fazer sentido uma mulher falar sobre paternidade, quando analisamos mais a fundo percebemos que, na verdade, a voz dela é extremamente relevante e indispensável para a mudança que pretendemos ver no mundo. A ideia de lugar de fala (RIBEIRO, 2017), que foi tão deturpada com o passar dos anos, trata da importância de promover debates sociais e incentivar a participação das pessoas, desde que elas falem a partir de suas vivências, sem roubar o protagonismo de outros agentes. Ou seja, o tema da paternidade negra deve ser analisado sob diferentes perspectivas, sem se restringir apenas ao olhar do homem negro, mas considerando também as

afetações geradas quando os marcadores de raça e sexualidade, por exemplo, são acionados junto ao gênero.

O perigo da história única: representações possíveis para paternidades negras

Durante a dinâmica em sala, apoiado na discussão após ler o seu trecho de “Seco”, um dos estudantes, um homem negro, apontou para o perigo de mostrar a paternidade negra apenas como algo que remete ao abandono e a violência, considerando que tal tendência pode reforçar os estereótipos que recaem sobre pessoas que se encaixam neste modelo. Em sua fala, ele destacou o perigo de contar uma história única, fazendo referência - direta ou indiretamente - ao discurso de Chimamanda Ngozi Adichie (2018), no qual a pensadora propõe uma reflexão sobre a importância de questionar os discursos hegemônicos tidos como verdade absoluta pela sociedade, considerando que inúmeras outras realidades existem, mas não são vistas como relevantes pela hierarquia vigente.

Para ele, a apresentação levada à sala de aula, muitas vezes focada nos caminhos tidos como regra para os pais negros - distância emocional, negligência familiar e abusos em suas diferentes formas -, poderia levar ao risco da generalização, como se este caminho fosse o único possível. Ou seja, mesmo que a tentativa fosse de quebrar os estereótipos e promover um diálogo sobre como contornar os efeitos da colonização sobre os corpos dos homens negros que se tornam pais, o resultado poderia ser contrário, dando foco a apenas uma visão e propagando o discurso da história única.

Além disso, em sua fala, ele contou sobre o seu crescimento em um lar estimulante e acolhedor, destacando a necessidade de que esses caminhos positivos também sejam considerados quando o tema da paternidade negra é abordado. O relato é altamente relevante para ajudar a complexificar os debates a respeito das masculinidades negras, considerando que estas são “polissêmicas, como processos sócio-históricos ambivalentes, como relações de poder e práticas culturais contextuais, como processos de subjetivação multifacetados e como experiências tensas, difusas e diversas de socializações” (RIBEIRO; FAUSTINO, 2017).

Somado a isso, é importante também considerar o modelo de aula proposto no início deste trabalho, no qual busca-se uma horizontalização no compartilhamento dos

saberes. Dessa forma, ouvir provocações como esta pode ajudar a aprofundar o nível do debate e pensar em possíveis melhorias para o futuro. Acionando as contribuições de Paulo Freire (1970) para o fazer educacional, o diálogo é o caminho para a libertação, por isso é tão importante considerar as vivências e afetações dos/as estudantes, respeitando as suas sugestões e incômodos que poderiam vir à tona em um momento de alta sensibilidade para alguns ao acionar questões familiares, assim como temas em volta da interseccionalidade entre raça e gênero.

Neste caso, não trata-se de ouvir e tomar a fala como verdade absoluta, mas sim de estar disposto a analisar o comentário e considerar que a vivência imbricada no discurso também deve ser considerada como um argumento válido para o âmbito acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, é possível perceber a importância de implementar as vivências de cada pesquisador em suas produções acadêmicas, já que as experiências e ciência não são indissociáveis. Isso se mostra ainda mais relevante quando levamos em consideração as afetações sentidas por pessoas de classes marginalizadas, seja pelo fator da raça, gênero, sexualidade e/ou classe social, por exemplo. Estas vozes dificilmente são ouvidas, especialmente no ambiente acadêmico, um lugar de violência (KILOMBA, 2019) para tais corpos. Por isso, permitir que os estudantes falem e que suas vivências sejam compartilhadas em sala de aula é uma forma indispensável para o fazer da educação libertadora. Para que a prática seja positiva, no entanto, é importante que as pessoas à frente da discussão, muitas vezes professores ou convidados que detêm profundo conhecimento sobre o tema em questão, estejam dispostos a ouvir, de fato, sem inibir ou desconsiderar as falas dos corpos que, por muitos anos, foram vistos como a base da pirâmide do conhecimento.

Além disso, o tema escolhido para ser debatido em sala de aula — o pai negro e o peso colonial — também aponta para uma alta relevância, considerando a baixa visibilidade dada para a discussão, apesar de ter ganhado mais visibilidade nos últimos anos. Como dito ao longo do trabalho, complexificar a perspectiva é importante para lutar contra o estereótipo que reduz o homem negro a uma figura plana, sem

profundidade, explorando os caminhos possíveis para além de uma narrativa única que foi imposta pelo colonialismo e mantida pela branquitude ao longo dos anos. Ao permitir que cada estudante falasse sobre suas próprias experiências ou perspectivas sobre o tema da paternidade negra, o debate pode ser aprofundado ao exemplificar que, apesar das expectativas comuns a tal parte da sociedade, ainda é possível contorná-las e quebrar o ciclo do trauma geracional, como bell hooks bem demonstra ao falar de sua própria experiência.

Considerando também a sala de aula, a partir da perspectiva dos estudantes, é válido destacar que os alunos negros, em muitos casos, conseguem ingressar na Universidade mas nem sempre encontram o apoio necessário para continuar a jornada, tendo suas dores e dificuldades negligenciadas por um falso padrão meritocrático que insiste em igualar as realidades de todos. Dessa forma, levar debates de cunho étnico-racial para sala de aula e permitir que suas vozes sejam ouvidas é uma forma de driblar as normas vigentes que veem a educação de forma bancária, citando o termo trabalhado por Paulo Freire (1970), seja falando de paternidade negra ou tópicos relacionados. Ao reconhecer suas realidades e oferecer um espaço seguro para o aprendizado comum, estamos reafirmando a essas pessoas que elas pertencem, de fato, ao ambiente acadêmico. É válido frisar que tudo isso precisa vir acompanhado de políticas institucionais de permanência, como alimentação, moradia e auxílio financeiro, por exemplo, para que a intenção de ver tais corpos pela Universidade sejam realmente perceptíveis.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CORRÊA, L. G. Interseccionalidade: Um desafio para os estudos culturais na década de 2020. In: SANTOS, L. H. S; KARNOPP, L. B; WORTMANN, L. M. C. (org.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 123-141.

RIBEIRO, A. A. M. FAUSTINO, D. M. Negro tema, negro vida, negro drama: Estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Revista Transversos**. “Dossiê: Africas e suas diásporas”. Rio de Janeiro, nº. 10, pp.163-182, Ano 04. ago. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.29392

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA RIBEIRÃO PRETO. **01/05/2022 - Bate-papo com Stefano Volp**. YouTube, 01 de maio de 2022. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=VL28QpZ0eq8&>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

HOOKS, b. **A gente é da hora**. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Elefante, 2020.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 52-83.

SIMÕES, P. G.. A centralidade da experiência na constituição das representações: contribuições interdisciplinares para o campo da comunicação. **E-Compós**, Brasília, v. 13, p. 1-17, 2010.

SOUZA, O. L. P. de. **Representatividade importa?** Representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em malhação: viva a diferença. 2021. 170 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em:
http://www.ppgcom.fafich.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=389. Acesso em: 12 jul. 2023.

VIANA, P. M. F. Onde está o homem negro na publicidade? Masculinidades negras no segmento de higiene pessoal. **Contemporânea**: Revista de Comunicação e Cultura, Salvador, v. 18, n. 03, p. 88-108, set. 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/33370>. Acesso em: 25 jul. 2023.

VOLP, S. **Homens pretos (não) choram**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2022.